

7.05.05 - História / História do Brasil

## ENTRE O CONDENAR E A SALVAÇÃO: A COMPOSIÇÃO DA FIGURA DO SERTANEJO EM OS SERTÕES.

Gabriel Kenzo Soeda Martins<sup>1</sup>, Alberto Luiz Schneider<sup>2</sup>

1. Estudante da Faculdade de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
2. Professor da PUC-SP - Departamento de História/Orientador

### Resumo

Em nota preliminar, Euclides da Cunha já destacava em seu *Os sertões* a proposta de ir além de mera reportagem dos últimos dias em Canudos: era uma tentativa de esboçar as “sub-raças sertanejas evanescentes do Brasil” para “futuros historiadores”. O sertanejo, dessa forma, passa a ser uma construção euclidiana que conta com uma gama de repertórios próprios: o republicanismo, o determinismo racialista e o frequente dilema do Estado-Nação. A partir desses dados, o presente estudo busca compreender a historicidade da enunciação euclidiana sobre a figura que cria, abordando seus diálogos com as disputas políticas que o autor se propõe a participar. Se o sertanejo é “antes de tudo, um forte”, o é por se contrapor a um horizonte de expectativas que fazem parte de Euclides e seu repertório: o sertanejo é, à construção de Euclides, um “Hércules-Quasímodo”. No seio dessas tensões, o sertanejo se concebe à luz de disputas políticas e determinismos epistêmicos, tese principal da pesquisa.

**Palavras-chave:** Euclides da Cunha (1866-1909), Guerra de Canudos, História Intelectual.

**Apoio financeiro:** PIBIC-CNPq

**Trabalho selecionado para a JNIC:** PIBIC (PUC-SP)

### Introdução

Ao delimitar a imagem do sertanejo como o outro exótico aos olhos do litoral brasileiro cosmopolita, Euclides deslocava Canudos para uma disputa política específica. O golpe da República, a Revolta da Armada, a prisão de seu sogro, sua “transferência” para Campanha e sua vida de engenheiro errante trouxeram experiências e provocaram exegeses entre autor e meio social, político e cultural. Canudos se transmutara em ponto mister para o diagnóstico do que “deveria ser” a República em solo nacional. Dentro dessas tensões, Euclides busca à margem da ciência coeva conceitos particulares: “ficção geográfica”, “cerne da nacionalidade” e “adaptação ao meio” desempenham, para além de determinismos, claro posicionamento político diante do papel de Estado-Nação no Brasil recém republicano.

Nessa linha, o exame aprofundado do *Diário de uma expedição* (1897) corrobora com a relação entre apriorismos e conceitos cientificistas. Afirmara, em viagem à Canudos, os objetivos gerais de “incorporação dos patricios rudes à civilização”, bem como o papel primordial do Estado e seu exército nesse processo. (CUNHA, 2016, p.80). O dado é relevante à medida em que não apenas faz parte do primeiro rascunho de *Os sertões*, como também precede os estudos de Euclides a autores como Ernest Renan, citado à exaustão no caracterizar da psicologia do sertanejo.

*Os sertões* buscou trabalhar com um tema eminentemente político de maneira a calcar seu discurso em uma aparência científica. Provoca um encadeamento controverso de empirismo com apriorismos intrincados com a experiência pessoal de Euclides. Se em seu cerne havia de colocar em pauta uma população “esquecida por mais de três séculos”, teria que dialogar com o cientificismo racialista do período: o embaraço euclidiano em sua essência. (LIMA, 1997)

Com base no objeto da pesquisa, os objetivos do projeto se resumiram a delimitar as características fundamentais da construção histórica do sertanejo em *Os sertões*. Por sua vez, a fim de fundamentar a condição de construção histórica inerente à imagética estudada, resolvemos trazer à pesquisa fontes como cartas, artigos e diários – para além da biografia do autor – para assim delimitar o repertório com que nosso objeto de pesquisa é construído.

### Metodologia

Trouxemos para a pesquisa um conceito de intercomunicação entre polos políticos e intelectuais. A proposta é evitar uma história intelectual que trate seu objeto enquanto criação de uma “filosofia nacional”, inserindo-o em uma série de dinâmicas político-sociais coevas que dão uma inteligibilidade discursiva às nossas fontes. (ALONSO, 2002, p.24-31)

Consideramos então o uso de fontes como cartas e artigos que precedem e acompanham a escrita de *Os sertões*. O exame visou angariar uma série de *topoi* que percorrem as análises e problemas que fundamentam a literatura euclidiana. Dessa forma, a presente pesquisa conta com a noção de *repertório*: “conjunto de recursos

intelectuais disponível numa dada sociedade e em certo tempo” (Ibidem, p.39). Repertórios formam aqui um conjunto de posicionamentos políticos, lugares-comuns da “nacionalidade brasileira” e racialismos profundamente articulados entre si, que compõe o que Euclides entende por sertanejo e seu espaço no território nacional.

Na extensão desse debate problematizado por Ângela Alonso, buscamos também reavaliar a relação estabelecida entre doutrinas europeias e a experiência brasileira. Categorias como “positivismo”, “cientificismo” e “darwinismo social” foram designadas para funções acessórias na compreensão de algumas correntes de pensamento que estavam disponíveis às diversas leituras em solo nacional. Em consonância, optamos por diluir essas categorias enquanto rótulos de “escolas de pensamento” a fim de aguçar nosso exame para as formulações que fogem à ortodoxia europeia. Possibilitamos assim o estudo de fontes dentro de seu contexto discursivo, com pensamentos que não se restringem às páginas de um livro: são, essencialmente, participações de um debate político sensível às realidades do meio que os envolvem.

Em relação às fontes utilizadas, realizamos o entrecruzamento dos artigos e cartas que precedem *Os sertões* com a obra em si. Constatamos os repertórios políticos e conceituais utilizados, de maneira a investigar no objeto de pesquisa sua historicidade e processo de formação. Ao dialogarmos ainda com certos fatores biográficos relevantes, buscamos esboçar um circuito de ideias que não apenas dizem respeito a Euclides, mas sim de uma posição social em específico que enuncia diante de questões coevas. Dessa maneira, participaram do objeto de pesquisa as noções presentes sobre o papel do Estado-Nação na situação brasileira do período, bem como a percepção da Guerra de Canudos na manifestação deste papel.

## Resultados e Discussão

Os primeiros resultados importantes na investigação do objeto de pesquisa residem na relação Euclides e processos republicanos no Brasil. Sua formação acadêmica – envolta do positivismo de Constant –, a experiência nada agradável com a formação militar, as polêmicas jornalísticas e familiares envoltas pelo antagonismo crescente aos florianistas e seu ofício de engenheiro entrecruzado com a literatura foram fatos históricos que compunham gradativamente o repertório político euclidiano. (AMORY, 2009) (GALVÃO, 1997, p.62, 86, 98) Ao confrontarmos o cenário acima com seus artigos, percebe-se um espaço de expansão da escrita ensaística de Euclides capaz de colocar em pauta temas que seriam ou foram desenvolvidos em *Os sertões*.

Entre os temas, a *Marcha das civilizações* foi constante na relação com a figura sertaneja. Ainda em 1888, desponta um Euclides otimista que atribui o equilíbrio entre especificidades locais e laços fraternos globais como a idealização deste movimento. (CUNHA, 2018, p.66) Considera-se aqui que a ideia de civilização povoa o horizonte de expectativas do autor: consórcio entre humanidade e ciências e laços de fraternidade entre sociedades que se traduzem em uma posição conivente com o cosmopolitismo em ascensão nos centros urbanos como o Rio de Janeiro. (SEVCENKO, 1999)

Entretanto, a relação entre Euclides e seu horizonte seriam perturbadas pelas experiências supracitadas. Já em *Os sertões*, a *Marcha das civilizações* se tornava um horizonte inexorável da existência do Brasil enquanto Estado-Nação. Era muito mais uma fatalidade do *ser nacional* do que uma idealização cosmopolita.

Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertemos, sob este aspecto, a ordem natural dos fatos. A nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social. Estamos condenados à civilização. Ou progredimos, ou desaparecemos. (CUNHA, 2019, p.79)

A importância do trecho acima remete à sua colocação diante do diagnóstico do autor sobre Canudos. É a “vida nacional autônoma” que se reclama na obra, na medida em que opera como a garantia da inserção do tipo sertanejo na vida nacional. A Guerra de Canudos seria o “crime da nacionalidade” na medida em que o Estado não garantiu a “evolução social” dos sertões.

Mas por que o tipo sertanejo? Ainda em 1897, em diário, Euclides atesta a função da República de “incorporar à civilização estes rudes patricios que – digamos com segurança – constituem o cerne da nossa nacionalidade.” (CUNHA, 2016, p.80) A experiência de Euclides em campo instigou colocar o sertanejo dentro de suas enunciações políticas, construindo assim imagética que respondesse a suas preocupações.

A pesquisa aqui amplia a noção de que o objeto de pesquisa é derivado de uma profunda *fé na ciência*. De acordo com Murari e Costa Lima, o discurso científico profundamente empirista – que procurava cooptar experiências com prerrogativas em formato de *leis* – tinha a funcionalidade de centro do discurso euclidiano. (LIMA, 1997, p.44) (MURARI, 2007, p.32) Entretanto, ao se realizar um estudo comparativo intertextual, nota-se a profunda dimensão política e social que coordena uma relação *seletiva* com os ditames e prerrogativas científicas. Desta forma, ela não é apenas uma *fé na ciência*, senão uma operação de um discurso dotado de certa aceitação por seus pares, que busca legitimar uma intervenção na sociedade em que ocupa.

Sendo assim, Euclides opera com particularidades das regiões do país. Nessa modalidade de exotismo do que não está nas cidades, o autor delimita divisões geográficas: o litoral copioso de modelos de alhures, em contrapartida com os sertões legítimos de tipos sociais envoltos no território; o Norte de natureza bravia e soberana, com o farto Sul benigno e afeito à vida. (CUNHA, 2019, p.92-98, 115-124) Tais territorializações são importantes na medida em que fornecem ao autor ferramentas discursivas que não encontram ecos no racialismo direto que condena a mestiçagem.

O sertanejo, ainda, opera intimamente com os ideais euclidianos sobre Estado e Nação. Segundo o autor, ao ser derivado dos vaqueiros às margens do Rio São Francisco, o sertanejo é o resultado direto da unificação étnica entre o Norte e o Sul. (Ibidem, p.98) Sem contato com a máquina administrativa ultramarina, os sujeitos isolados pela serra do mar afeiçoavam-se ao que era “genuinamente brasileiro”: o meio. Logo, essa situação “retrógrada” era útil: desaguava no cerne da nacionalidade.

Desenhava-se a ponta da lança que erguia o protesto do autor diante da sua avaliação *a posteriori* da guerra. Mesmo que estivessem condenados a desaparecerem por serem retrógrados, deviam ser protegidos pelo litoral de instituições “copiosas e inconscientes” de seu papel (Ibidem, p.512). “A inversão da ordem natural dos fatos” era a de garantir a ascensão dos sertanejos a “estágio superior” de sociedade, sem dissolvê-los de suas características de cerne da nacionalidade.

## Conclusões

A figura do sertanejo é complexa e intrincada com um repertório próprio. Sua “resiliência”, como um “aliado do meio” são características remanescentes de uma experiência com o “outro”. Euclides da Cunha seria marcado por sua viagem a Canudos na medida em que vivenciava um sentimento de descrédito perante o regime político vigente. Para o autor, esse acontecimento operou profundamente dentro de seu campo de possibilidades para uma nacionalidade brasileira.

O cerne da nacionalidade, enquanto identidade que era assimilada ao conceito de nação, trouxe ao *sertanejo* a possibilidade de ser uma “raça forte”. O desfecho de Canudos não apenas constatava o desaparecimento do cerne, como também o não cumprimento do que o autor entendia pelo papel do Estado contemporâneo. O sertanejo apenas “revidava”, se protegia da descarga dos canhões e baionetas. Era uma guerra dentro da nação, porém entre sociedades separadas por três séculos (Ibidem, 332-333, 466-467).

E como explicar o caráter positivo que compõe o cerne da nacionalidade? Por um lado, a resiliência como fruto de uma “ascendência paulista” e da adaptabilidade ao meio. Dessa maneira, “é um forte”, pois foi gestado dentro de todas as condições tipicamente “nacionais”. É o *isolat* promovido pela serra do mar que, uma vez repelindo as correntes migratórias e o domínio colonial “ganancioso”, forma um *cerne de nacionalidade* na medida em que este caldeamento de raças constante forma, adstrito à seleção natural, *gens* afeiçoadas às características da “nação”.

Por outro lado, o movimento é “natural” também na medida em que a “marcha das civilizações” entra em voga no pensamento euclidiano. É a “luta das raças” que entra enquanto maneira de explicar, para Euclides, a relação conflituosa entre os diversos aspectos raciais, culturais e políticos entre sociedades distintas. Logo, o litoral é do mestiço proteiforme – não quisto pelo autor – na medida em que se mostra “perturbado” por “misturar elementos superiores e inferiores” entre raças distintas.

A construção do autor é controversa, assim como sua politização do conflito. Abordou o desfecho de Canudos em tom de denúncia, mas admitia a “naturalidade” do fenômeno da luta de raças (Ibidem, p.10,11). O fato é que, para nosso estudo, o sertanejo passa de experiência de alteridade à construção literária na medida em que é inserido conscientemente dentro de um mundo de possibilidades abstraídas por um repertório pertencente a ele. A possibilidade de “resiliência” e “afeição à terra” se realiza na medida com que andavam, lado a lado, experiências e correntes de pensamento em Euclides.

É a partir desta flexibilização que Euclides opera a reação de salvar e condenar o sertanejo (SCHNEIDER, 2019, p.115-121). Uma vez que o “parêntese irritante” da mestiçagem era a inviabilidade de uma civilização, afirmava: “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”, pois “não é um degenerado”, e sim apenas um “retrógrado”. São as vicissitudes da formação histórica do tipo sertanejo que o libertam do julgamento cientificista, por mais que o autor ainda ateste o caráter “retrógrado” de Canudos e sua população. São fundamentalmente as operações de “brechas” – das particularidades do meio – que reavivam as disputas políticas do autor com os ditames racialistas recorrentes.

Conclui-se que a dimensão apriorística euclidiana, na medida em que reafirma suas impressões da viagem de Canudos, torce e reavalia as doutrinas europeias com que trabalha. Ao modificar conceitos como *raça*, cria para si uma imagética do sertanejo que é “útil” para a função discursiva de seu texto. A tentativa de “esboçar palidamente as presentes sub-raças para futuros historiadores” é motivo que acusa a reflexão euclidiana de abraçar o sertanejo na medida em que busca responder os problemas de si mesmo: as pelepas e contrastes políticos sobre nação, Estado e República.

## Referências bibliográficas

- ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. - São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- AMORY, Frederic. *Euclides da Cunha: Uma Odisseia nos Trópicos* – tradução Geraldo Gerson de Souza. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- CUNHA, Euclides da. *Canudos: diário de uma expedição* / Euclides da Cunha. – 3. ed. – São Paulo: Martin Claret, 2016. – (Coleção a obra-prima de cada autor; 134)
- CUNHA, Euclides da. *Ensaio e Inéditos* / Euclides da Cunha; Leopoldo M. Bernucci, Francisco Foot Hardman (Coords.). – São Paulo: Editora Unesp, 2018.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição crítica e organização: Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ubu Editora/Edições Sesc São Paulo, 2ª edição, 2019.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Correspondência de Euclides da Cunha* / Walnice Nogueira Galvão, Oswaldo Galotti. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

LIMA, Luiz Costa. *Terra Ignota: a construção de Os Sertões* / Luiz Costa Lima. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MURARI, Luciana. *Brasil, ficção geográfica: ciência e nacionalidade no país D'os Sertões*. - São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2007.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. *Capítulos de história intelectual: racismos, identidades e alteridades na reflexão sobre o Brasil* - 1ª ed. - São Paulo: Alameda, 2019.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República* / Nicolau Sevcenko. – São Paulo: Brasiliense, 1999.